

RESENHA

DIAS. Tatiana R. N., BESSA. Décio (orgs.). **Leitura e Escrita**: discussões e narrativas. Brasília: Thesaurus, 2010.

Thyally Louyse da Silva GONÇALVES¹

O surgimento do livro se deu a partir de dois cursos de extensão financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq) e ministrados pela professora Maria Izabel Santos Magalhães, *Linguagens para uma nova prática de ensino e Formação de professores: alfabetização de jovens e adultos*.

A pesquisa tem como tema principal a leitura e a escrita e, apresenta dois panoramas para discutir o assunto. O primeiro é um apanhado geral sobre a leitura e a escrita, enquanto o segundo traz relatos de cursistas sobre suas experiências de leitura enquanto discentes e respectivamente relatos de trabalhos desenvolvidos em suas salas.

Com alguns pequenos subtítulos, o capítulo inicial faz uma abordagem clara e sucinta sobre os principais questionamentos acerca da leitura e da escrita, discutindo, primeiramente como ambas “acontecem” em nossas vidas.

Inicialmente o leitor é incitado a resgatar da memória suas primeiras experiências de leitura e de escrita, seus primeiros livros, primeiros textos. Segundo a autora, recordar faz com que a noção de formação da identidade se torne clara, bem como a construção do sujeito enquanto leitor.

Esse tipo de abordagem é fundamental para a obra, pois, nas páginas seguintes, o mesmo tema é abordado, porém, voltando-se para a escola. Com a reflexão anterior, nos sentimos à vontade para participar dessa discussão, de modo que, a cada novo questionamento do livro, o leitor sente-se indagado e tem a necessidade de responder, e, dessa forma, fica preso à leitura.

¹ Graduanda em Letras Portugêses pela Universidade de Brasília. Sobradinho-DF. Correio eletrônico: tytazul@gmail.com

Nesse capítulo, encontram-se temáticas essenciais para a prática da leitura e da escrita em sala de aula, além disso, fala-se também do uso das narrativas que ainda são predominantes na alfabetização.

A autora defende que todos devem ser estimulados à criticidade já na infância, pois, dessa forma, sua capacidade de questionamento irá se aprimorar cada vez mais ao longo de seu crescimento.

O capítulo aborda ainda a questão da produção textual no ensino superior, que infelizmente é muita fraca. Paralelo a isso, mostra estratégias para desenvolver a prática de texto com alunos do ensino fundamental e médio e, conseqüentemente, incentivar à leitura.

Fechando o capítulo os autores discutem a questão das narrativas, assunto que também deve ser devolvido em sala de aula. Mesmo que o assunto seja o próprio estudante, é importante considerar a narração no âmbito escolar.

Novamente encontramos, no capítulo, algumas sugestões de como trabalhar o tema sugerido. Esse tipo de abordagem torna a leitura mais didática e faz com que o leitor projete formas de desenvolver cada sugestão antes mesmo de entrar em sala.

Nas considerações finais do capítulo, os autores conseguem fazer um fechamento totalmente adequado ao que foi dito anteriormente. Para eles, tanto alunos quanto professores precisam ler e escrever corretamente e, principalmente, os educadores devem ser capazes de reconhecer as práticas sociais nas quais estão inseridos e, assim, contribuir melhor para o ensino.

A segunda etapa do livro começa com uma série de narrativas nas quais são relatadas experiências de leitura de cursistas enquanto alunos do ensino fundamental e médio.

A primeira narrativa é assinada por Adriana Carvalho Lopez. Ela conta que sua primeira experiência com a leitura foi através dos contos de fada e que, nos anos iniciais, não gostava da escola. Todavia, a partir da quinta série, atual sexto ano, sua visão mudou completamente, devido à postura mais agradável das professoras. Sua decisão de cursar Letras se deu no ensino médio, quando passou a ter aulas de literatura

e se apaixonou.

Andrea Perazzo inicia sua narrativa como um conto de fadas: “Era uma vez...”. E assim conta que desde muito cedo já queria aprender a ler e via a leitura como uma grande diversão e, justamente por ter tido uma experiência tão especial com a leitura, optou pelo curso de Letras.

Chistiane Maria conta que sua experiência com a leitura teve início com as histórias infantis; ao entrar na escola, o nível de leitura era o fator que determinava a divisão das turmas. Nas séries finais do ensino fundamental ela passou a ver a leitura como um castigo, pois a escola determinava os horários e as leituras que cada turma deveria fazer. Apesar de não gostar de ler, gostava muito de escrever e, esse foi o motivo que a levou a optar pelo curso de Letras.

A narrativa escrita por Esther Maria Pereira fala sobre seu encontro com a leitura e a escrita em Brasília, numa época em que as escolas eram em blocos de apartamentos. Ela conta que suas primeiras descobertas literárias foram através de cartilhas e cópias. Aos poucos passou a frequentar a biblioteca da escola, em seguida descobriu as revistas e, então, as cartas, começando assim a se corresponder com inúmeras pessoas e aumentando o prazer da leitura, o que a levou a cursar a faculdade de Letras.

Martha de Carvalho também veio para Brasília na época de sua construção. Em sua narrativa, mostra-nos que sua alfabetização se deu através de sua mãe, que, pacientemente lhe ensinou. A partir daí, Martha lia sempre e também gostava muito das aulas de redação; aos onze anos começou a escrever poesia, sempre incentivada por seus pais. Ela conta que nunca parou, mas hoje guarda para si.

A última narrativa é feita por Patrícia Mattos, que teve sua experiência com a escrita através das cartas. Contudo, em relação à leitura, teve mais dificuldade, pois sabia escrever tudo, mas não sabia ler, e aprendeu da pior maneira: com as ameaças de sua mãe: “Escreveu não leu, o pau comeu!” [p. 59]. Apesar disso nunca perdeu o gosto pela escrita, e a relação com as cartas se manteve até em seu casamento, no qual trocava cartas com seu marido com pseudônimos de personagens de Gabriel García Márquez. Patrícia revela que, apesar de gostar da literatura, tem muito mais prazer com a escrita, e fecha

sua narrativa dizendo: “Como um personagem de Osmar Lins, que não tinha nome, do meu corpo saem palavras. É assim que me constituo.” (DIAS; BESSA, 2010, p. 62).

Em seu último capítulo, o livro *Leitura e Escrita* traz narrativas de experiências vividas em sala de aula por alunas do curso de extensão, com seus alunos.

Adriana Carvalho Lopez fala sobre sua forma de trabalhar a língua portuguesa de um modo amplo, com o objetivo de desenvolver o senso crítico em cada um. Ela conta a respeito de um trabalho sobre o discurso publicitário, que desenvolveu com seus alunos de 16 anos da sétima série do ensino fundamental. A atividade mostrou aos alunos muito mais do que estruturas textuais, despertou-os também para a criticidade enquanto consumidores.

Adriana explica que primeiro levou para a sala várias marcas de produtos para discutir sobre como se forma um anúncio: texto, *slogan* e figuras. Em seguida, os alunos pesquisaram, em jornais e revistas, outros anúncios. Após a apresentação que a professora fez sobre um produto criado por uma aluna do curso de publicidade, os alunos construíram seus próprios produtos publicitários e os apresentaram com cartazes e transparências. Segundo a professora, todos os alunos se empenharam muito na execução dos trabalhos e fizeram excelentes apresentações.

A segunda narrativa traz a experiência vivida em sala por Andrea Perazzo. Seu trabalho foi desenvolvido com alunos do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua e Literatura Francesa. A proposta era fazer com que os alunos contassem como foram suas primeiras experiências de leitura, trabalhando, dessa forma, o uso das narrativas e conhecendo melhor os discentes para desenvolver um trabalho de maior qualidade.

Com essa atividade, Andrea concluiu que o uso das narrativas pode ser importante para contribuir na formação dos alunos, enquanto pessoas, a partir de suas próprias memórias.

Dentre as várias experiências em sala de aula, Christiane Maria Soares resolveu falar a respeito de uma atividade interdisciplinar

desenvolvida, no ano de 1996, com todos os professores e alunos. O tema do projeto era "Família", e foram trabalhados pronúncia, vocabulário, gramática, leitura e escrita.

A professora conta que, a partir de uma atividade de produção de texto sobre os membros da família, muitos alunos questionaram o que era uma família, pois como viviam com avós, tios e outros parentes, achavam que não tinham uma. Segundo ela, a experiência serviu para mostrar aos alunos que nossa família não é apenas pai e mãe e sim quem cria e educa. Além dos textos, foram feitos trabalhos com fotos e figuras dos parentes e os melhores foram expostos no mural da escola. Christiane relata que, a partir de então, passou a compreender melhor e a acreditar mais no "letramento como prática social". [p.77].

A última narrativa da obra é feita por Ozani Carneiro, que desenvolveu uma roda de leitura com seus alunos. Apesar do aparente fracasso na primeira tentativa, ela não desistiu de pôr a ideia em prática, e decidiu reformulá-la com a ajuda da professora Diva Maciel, que ministrava aulas de Estágio Supervisionado.

Ozani montou um material específico para o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), composto de textos, de gravuras e de bibliografia dos autores e colou o material numa caixa denominada "caixa literária", que também continha alguns livros de fábulas e de textos bíblicos.

A proposta foi desenvolvida da seguinte maneira: inicialmente, os alunos escolheriam qual texto desejavam ler e, após uma semana, essa leitura seria dividida com os alunos na cadeira do leitor, que ficaria no meio da roda de leitura. Após isso, um dos textos lidos oralmente seria escolhido para que a professora lesse. Os alunos recebiam, também, uma ficha para preencherem a data de empréstimo e devolução dos livros, e classificarem as leituras que fizeram, informando se tinham gostado ou não.

A professora relata que, desde o começo, a ideia desse tipo de roda teve muita aceitação por parte dos alunos e é praticada desde 2004 até hoje, sempre com muito sucesso.

Ozani encerra sua narrativa mostrando a importância de desenvolver a leitura com alunos apenas como fruição, sem estar

ligada a nenhuma atividade avaliativa ou mesmo escrita. Fala ainda do processo de paciência, pois desenvolver o gosto pela leitura em adultos e até mesmo em jovens estudantes não é algo imediato e necessita de muito tempo e dedicação.

A obra *Leitura e Escrita: discussões e narrativas* traz temas pertinentes na educação brasileira: o gosto pela leitura, o desenvolvimento da escrita, a dedicação dos docentes, o uso das narrativas. O assunto já foi e continua a ser discutido por vários autores, inclusive, muitos citados dentro da obra. Trata-se de uma leitura muito recomendada a professores não apenas de língua portuguesa, mas também de línguas estrangeiras e de outras matérias da área de humanas, bem como a estudantes de licenciatura desses cursos.